



## AS CATEGORIAS FILOSÓFICAS DE SINGULARIDADE, ALTERIDADE E INFINITO NA PRÁTICA TERAPÊUTICA DA FILOSOFIA CLÍNICA COMO ÉTICA DE HOSPITALIDADE<sup>1</sup>

Carlos Eduardo S. Nascimento\*  
cadufilosofiaclinic@gmail.com

### Resumo

Considerando-se que, num polo da relação intersubjetiva encontra-se o filósofo clínico, que se desloca para o mundo do partilhante em sua singularidade na qualidade de hóspede, e no outro polo da relação intersubjetiva o próprio terapeuta vivencia a hospitalidade do outro em sua própria subjetividade. Abre-se, a partir do encontro entre dois sujeitos singulares, o terceiro elemento singular: a própria interseção. O presente estudo pretende aprofundar os conceitos de singularidade e alteridade atrelados à categoria filosófica de infinito ao modo levinasiano, fundamento de uma práxis ética e terapêutica de hospitalidade na Filosofia Clínica. A concepção no sentido triplo de singularidade torna-se, na metodologia da Filosofia Clínica, uma *práxis de alteridade*, exercício de uma ética da hospitalidade como condição do cuidado ao outro.

**Palavras-chave:** Singularidade. Alteridade. Infinito. Ética. Hospitalidade. Filosofia Clínica.

### Introdução

Os filósofos clínicos consideram a noção de singularidade o eixo central da fundamentação, da metodologia, da pesquisa, da formação e da prática terapêutica da Filosofia Clínica. O presente estudo pretende aprofundar o conceito de singularidade atrelado à categoria filosófica da alteridade, em interface à maneira como Emmanuel Levinas desenvolve o conceito cartesiano de infinito, categorias que, em nosso entender, fundamentam uma ética da hospitalidade em nossa prática clínica.

Partindo da constatação de que a singularidade é propriedade característica de um outro humano, único e irrepitível, no olhar filosófico clínico corresponde à característica da alteridade. O outro é singular no sentido de existir como uma alteridade em relação a mim como sujeito que também é único e singular. As características atreladas dos conceitos de singularidade e de alteridade evocam o sentido de infinito num sentido levinasiano, que pretendemos aprofundar em três perspectivas peculiares da singularidade: a pessoa do partilhante, a pessoa do terapeuta e a interseção entre ambos são, manifestam-se como singularidade alteridade e infinito.

---

<sup>1</sup> O presente artigo desenvolve partes da tese de doutorado intitulada **A questão da alteridade na filosofia ética de Emmanuel Levinas e na filosofia clínica de Lúcio Packter, uma interface a partir da categoria de infinito**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação do Centro Internacional de Pesquisas Integralize, na linha de pesquisa em Ciências da Educação.



Num polo da relação intersubjetiva no consultório, portanto, encontra-se o filósofo clínico, que vai ao mundo do partilhante na qualidade de hóspede; no outro polo situa-se o partilhante, que hospeda em seu mundo existencial e subjetivo, o terapeuta. O filósofo clínico também vive a hospitalidade do outro em sua subjetividade. Exatamente por essas perspectivas, o sentido de singularidade nos leva a considerar a Filosofia Clínica como uma terapêutica artesanal da singularidade.

Postulamos no presente ensaio que essas categorias se encontram atreladas e inseparáveis na teoria e na prática da terapia packteriana, exigindo do filósofo clínico o exercício de uma *ética da hospitalidade* de três singularidades peculiares: a do do outro, de si próprio e da intersubjetividade.

### **O conceito filosófico de singularidade**

O termo *singularidade* tem sua origem no vocábulo latino *singularitas*, que evoca o sentido do que é pouco frequente, fora do comum ou extraordinário, distinto de elementos que sejam do mesmo gênero. A singularidade como característica fundamental da alteridade, no contexto do consultório, adquire o significado de *irrepetível*. Esta compreensão exige de cada um de nós a vivência do *páthos*, experiência fundante da atitude filosófica que herdamos dos primeiros filósofos gregos.

A ideia de singularidade é usada de maneira específica em diversos contextos e saberes. No campo da física (singularidade espaciotemporal à região do espaço-tempo), no campo da matemática (que compreende a singularidade ligada às funções), no campo da tecnologia (referência à hipóteses de momentos nos quais o desenvolvimento da inteligência artificial provocaria profundas alterações) no campo da economia, da medicina e de outras epistemes.

A obra de Levinas proporciona fundamento fenomenológico e ético para as reflexões que pretendemos suscitar na perspectiva clínica da terapia sistematizada por Packter. A partir da sistematização de Packter e de nossa experiência de consultório, podemos dizer que a terapia torna-se ambientação da prática *ética da hospitalidade* da singularidade em um sentido triplo, se considerarmos não apenas a singularidade do partilhante, mas a singularidade do próprio terapeuta e a singularidade da relação intersubjetiva, e que se estabelece como imprevisibilidade, característica da interseção, já que cada sessão de terapia é única e igualmente irrepetível.



## A singularidade como fundamento de uma terapia artesanal da alteridade

Como proposta terapêutica, a Filosofia Clínica recupera a vivência do *pathos* em seu conteúdo metodológico como fenomenologia e ética. Assim, a terapêutica proposta por Packter viabiliza ao filósofo clínico a possibilidade de localizar a pessoa em seus endereços existenciais, mapear sua Estrutura de Pensamento, a fim de cuidar dela ao seu modo, no seu tempo, com sua gramática subjetiva, de acordo com seu ritmo e seus contextos de mundo.

Com grande ponderação e profundo exercício ético de respeito à outriedade de uma pessoa, em algum momento de honestidade filosófica (*pathos*) será preciso que o terapeuta não mais convença, porém antes seja convencido da dimensão real e misteriosa do infinito que abriga e dá morada (*ethos*) à existência de cada “eu próprio” (GOYA, 2020, p. 57).

Segundo as professoras Nichele Paulo e Mariza Niederauer (2013, p. 18), “na Filosofia Clínica os conceitos de *singularidade* e *plasticidade*<sup>2</sup> estão presentes em todo o processo, uma vez que ela não utiliza classificações, tipologias, tampouco lida com ideia de cura. Por trabalhar com singularidades descarta o conceito de normalidade e patologia”.

Isso quer dizer que cada pessoa é única em suas cosmovisões, valorações, vivências, representações da vida e do mundo, assim como são únicas no modo como encaminham as questões existenciais.

Segundo o filósofo clínico Miguel Angelo Caruzo (2020, p. 39), em Filosofia Clínica, cada pessoa é considerada de modo único, e todas as manifestações humanas tornam-se parte das possibilidades inerentes às condições da existência.

Desse modo, em cada caso, o filósofo clínico pesquisará, a partir dos Exames Categorias, da EP e dos Submodos, qual a função pode ser verificada na vida desta pessoa singular.

[...] estatísticas, noções sociológicas, estudos de grupo e outros equivalentes são de valor inquestionável para a aplicação de políticas públicas, investimentos empresariais, propostas urbanistas, planejamentos sanitários etc. Mas, quando a questão é o trabalho com as complexidades do indivíduo, as afirmações de cunho universais que se propõem como meios de compreensão

<sup>2</sup> A noção de plasticidade contribuiu para que os filósofos clínicos compreendam os movimentos autogênicos da Estrutura de Pensamento do partilhante, as vinculações e choques tópicos implicando as inúmeras reações com a base categorial. Segundo Goya (2020, p. 74), “tivesse esse trabalho a pretensão de uma ontologia, da busca por um conceito filosófico de ser humano, penso que haveria de entendê-lo como uma subjetividade plástica, holística e sistêmica. Não uma plasticidade pelo lado de fora, em que uma pessoa se adapta ao seu contorno externo, mas como um predicado constitutivamente aberto à sua redefinição”.



do ser humano podem ser bastante limitadas. Esta foi uma das conclusões dos estudos de Packter quando vislumbrou as contribuições fascinantes de vários filósofos e de escolas filosóficas. Essas pesquisas contribuíram para que Lúcio pensasse todas as possibilidades humanas a ponto de seu método terapêutico possuir elementos formais e, jamais, afirmações universais. Portanto, cada partilhante (de modo singular) preencherá, com seu modo único de existir, algumas dessas possibilidades formais de ser e agir apresentadas pelos filósofos (CARUZO, 2020, p. 39).

No modo como a Filosofia Clínica foi sistematizada, encontram-se as principais reflexões da história da Filosofia, do pensamento humano e das práticas terapêuticas, que fornecem base ao processo terapêutico como uma ética de hospitalidade, qualificando a relação de alteridade entre o filósofo e o seu partilhante através da escuta de suas vivências, de seus contextos, de como ela pensa, valora, decide, sente, age, como ela elabora suas cosmovisões, crenças, metas, como se comunica e o modo como estruturou sua gramática subjetiva.

Tudo isso considerando a peso subjetivo dos conteúdos determinantes, importantes e de pouco valor, como a plasticidade da estruturação existencial de cada pessoa. Os conteúdos que habitam a pessoa denominamos Estrutura de Pensamento (EP). No Caderno A, Lúcio Packter esclarece que a pessoa não é sua EP. Portanto, nossa pesquisa é um mapeamento do infinito do outro, de seu modo de existir no mundo. A singularidade pode ser compreendida a partir da combinação dos tópicos e submodos.

A noção do Outro como infinito em Emmanuel Levinas encontra aqui sua confirmação. O modo como os tópicos se harmonizam e se chocam, a maneira como os conteúdos de uma EP podem se arranjar, se desarranjar e plasmar novos arranjos em sua plasticidade, e tudo isso em vista das circunstâncias, lugares, tempo e relações, levam ao infinito de possibilidades tornando cada pessoa única e irrepetível, o que faz da Filosofia Clínica uma terapia existencial e artesanal no cuidado ao outro. É nessa perspectiva que a Filosofia Clínica lida com pessoas específicas em sua concretude de tempo, de local, e cabe ao filósofo clínico investigar as manifestações únicas de sua existência, ou seja, de suas singularidades. Assim, “o filósofo clínico surge como um aprendiz de complexidades em busca de fornecer os melhores caminhos para que o partilhante encontre ou alcance melhorias existenciais (CARUZO 2021, p. 39-40).

Em nossa percepção, o conceito de singularidade atrelado à categoria de alteridade, tal como traduzimos em nosso centro de formação (CEFA)<sup>3</sup>, é compreendido

<sup>3</sup> CEFA, abreviação do centro de estudos de Filosofia Clínica em Goiânia, GO, que recebe o nome de Casa de Estudos Francisco de Assis.



numa perspectiva de exigência ética da hospitalidade. Nesse horizonte, a Filosofia Clínica é ensinada como uma “terapêutica artesã”, cujo fundamento encontra-se nas categorias filosóficas de singularidade e alteridade, buscando ajudar o partilhante, com suas dores e demandas, visando melhorias subjetivas possíveis em seus contextos de mundo.

### **As categorias filosóficas de alteridade e infinito**

O tema da Alteridade como uma questão filosófica é a motivação e o fio condutor do presente trabalho. A origem latina do termo é *Alter*, que literalmente significa *Outro*. Em língua portuguesa pode-se fazer uso do termo *outridade*<sup>4</sup>. A produção filosófica sobre o tema do Outro é uma reflexão recente, tímida e que ainda se encontra em desenvolvimento, se considerarmos toda história do pensamento filosófico desde a Grécia antiga.

Refletir o tema do Outro como uma questão filosófica não se desenvolve sem consideráveis desafios. Uma das dificuldades que encontramos é a constatação de pertencermos a uma cultura herdeira do antropocentrismo renascentista, do cartesianismo moderno, que colocou o sujeito (o Ego) como a principal categoria e como um pressuposto óbvio do saber e da vida. Tudo isso exige do pesquisador da alteridade, sobretudo do filósofo clínico, um esforço gigantesco na dinâmica reflexiva e ética, sem deixar e fora a sensibilidade. O mundo ocidental construiu o sentido de civilização a partir do primado e dos privilégios do Eu (Ego) como centro da existência, da moral, da cultura e da socialidade. Somente a partir do século XX, as categorias da subjetividade e da ética passaram a ser refletidas em torno da questão do Outro, algo inédito na história da Filosofia<sup>5</sup>. Essa nova perspectiva, provoca uma significativa inversão e questiona a prerrogativa do Ego na modernidade e no mundo contemporâneo, invertendo radicalmente a dinâmica da relação que era vista, até então, como a mais importante (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p. 30-31)”.

A questão da alteridade começa a ser refletida em nossos dias com certa centralidade, testemunha que a Filosofia não deve ser vista como um exercício teórico separado do mundo, mas como uma atitude inevitável diante dos desafios da existência e do mundo da vida. Acompanhando o Professor Leopoldo e Silva (2012, p. 35), perguntamo-nos: como seria uma ética cujo princípio da moralidade fosse o Outro e não o Sujeito? Essas perguntas ainda

<sup>4</sup> Optamos para este artigo, como em outros trabalhos nossos com o mesmo tema, pelo uso do termo *alteridade*, por ser mais recorrente nas traduções das obras de Levinas e outros pensadores da alteridade.

<sup>5</sup> A questão da alteridade começa a ser refletida em nossos dias com certa centralidade, testemunha que a Filosofia não deve ser vista como um exercício teórico separado do mundo, mas como uma atitude inevitável diante dos desafios da existência e do mundo da vida.



estão no seu curso de desenvolvimento e maturação e o filósofo Emmanuel Levinas destaca-se no horizonte de pensadores, que contribuem com a inserção da questão da alteridade na discussão filosófica (NASCIMENTO, 2023, p. 10).

Em nossa opinião, o projeto filosófico de Levinas pode ser considerado um corte na tradição da teoria do conhecimento, como também da ética filosófica<sup>6</sup>. Os últimos séculos, intrinsecamente marcados pela supervalorização do Ego, sobretudo no Ocidente com a supervalorização da subjetividade com René Descartes, passou a ocupar o centro de todas as áreas do conhecimento, das ciências, das artes, da moral, das relações sociais e da cultura. Um dos desdobramentos desses excessos egológicos foi um outro excesso: a razão instrumental passou a colonizar os espaços da vida para além de sua ambientação.

Nesse contexto de uma reflexão ainda iniciante na história da Filosofia, consideramos que a obra *Totalidade e Infinito* de Levinas é um grande divisor de águas nesse itinerário epistemológico. Segundo Costa (COSTA, 2000, p. 25), é a partir dessa publicação, inaugura-se um período caracterizado pela defesa categórica da primazia ética e sua anterioridade, na interface com a ontologia. A ética levinasiana vem despertando debates, sobretudo em torno da necessidade de um paradigma alternativo da reflexão ética, especialmente nesse contexto de guerras e conflitos de toda ordem – que chegam aos nossos dias, exigindo dos filósofos revisões da moral normativa, ou seja, demandando novas categorias para lidarmos com os novos tipos de totalitarismos, assim como requerem uma reflexão que recupere o sentido profundo do humano (NASCIMENTO, 2023, p. 109).

Ao lado de outros filósofos da alteridade como Martin Buber, Franz Rosenzweig, Paul Ricoeur, Hans Jonas, Gabriel Marcel, Jean-Luc Marion, Enrique Dussel, Lúcio Packter e tantos outros pensadores do século XX, Levinas destaca-se pela sua capacidade de fazer uma interface inédita na história do pensamento: a tradição grega (Logos) e a tradição profética. A partir desses pensadores, a filosofia, finalmente, começou a rever a primazia e a supremacia do Ego, de uma subjetividade excessiva, assim como os excessos da ontologia e de uma razão instrumental, passando a considerar a relação intersubjetiva com peculiar relevância. Nessa conversação, tecida pelo rigor do método fenomenológico que herdou dos mestres Husserl e Heidegger, Levinas

---

<sup>6</sup> Podemos afirmar que Emmanuel Levinas é um filósofo original ao apresentar um projeto de reflexão sem tradição filosófica. Sua filosofia e o seu primeiro princípio aparecem “desencaixados” de qualquer tradição que possa absorvê-lo numa classificação, mas possui, ao nosso ver, a genialidade e a sofisticação de se nutrir e manter a conversação com pensamento antigo, moderno e contemporâneo, ainda que seja para deles se afastar.



desenvolve uma revisão original que havia excluído o tema da alteridade na reflexão filosófica<sup>7</sup>. Toda sua reflexão sobre o Outro desenvolve-se, sobretudo, no signo do Rosto, vinculando a alteridade à ideia de Infinito.

Lúcio Packter sistematizou uma metodologia que coloca os filósofos clínicos como aprendizes e cuidadores de singularidades, como uma terapêutica existencial e artesanal. Em Filosofia Clínica, busca-se o esforço para uma *epoché* (suspensão) das medidas pessoais do terapeuta, seus próprios valores, crenças, cosmovisões e modos de ser no mundo, a fim de que a existência única de uma pessoa, com todas as complexidades de sua constituição singular no mundo seja considerada, ao máximo possível, ao modo dela.

Podemos encontrar entre Levinas e Lúcio Packter uma consideração sobre o Infinito que os aproxima, considerando que um reflete no âmbito da filosofia e da ética e outro no contexto das terapias com métodos distintos. Todavia, nossa opinião é de que a terapia packteriana tem convergência com a filosofia ética de Levinas, quando abre mão da totalidade que encapsula a singularidade do outro humano.

A categoria de Infinito no modo como Levinas desenvolve em sua reflexão salvaguarda a alteridade do Outro como um “desigual”. O Outro, no seu infinito, ultrapassa sobremaneira a própria atitude do pensamento, produzindo uma desproporção entre o ato de pensar e o infinito da alteridade, pois o pensamento não pode produzir o que o ultrapassa. Segundo Levinas, no Rosto do Outro há um acesso, ainda que vestigial, à ideia de Deus. A diferença é que, em Descartes, a noção de infinito permanece teórica, contemplativa. Já em Levinas, a relação com o Infinito é Desejo, que ele distingue da noção de necessidade (NASCIMENTO, 2023, p. 63)<sup>8</sup>.

No Centro de Estudos de Goiânia (CEFA), compreendemos que, o elemento determinante e definidor da alteridade é, justamente, a estranheza, o desconhecimento e a infinitude do Outro (GOYA, 2020, p. 23) Portanto, na perspectiva de uma ética filosófica, nenhuma outra pessoa pode ter vivido algo que essa pessoa, que se encontra

<sup>7</sup> A partir do Rosto de Outrem é colocada em questão essa feliz espontaneidade do Eu como uma jubilosa força que vai. É o Rosto de Outrem, que doa o sentido ético da minha existência, implicando-me na responsabilidade. No Rosto sou intimado a *ser-com-o-Outro*, a *ser-para-o-Outro*. Portanto, a partir de Levinas, o “Eu” não é mais uma entidade ontológica voltada sobre si, mas aquele que tem relação com o Outro”, e se percebe por ele responsável (POIRIÉ, 2007, p. 28; 92-93).

<sup>8</sup> Na obra *Meditações Metafísicas*, Descartes afirma que, por mais que “a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita” (DESCARTES, 2016, p. 72). Ou seja, somente um ser Infinito pode produzir no sujeito a ideia de infinito (NASCIMENTO, 2023, p. 31).



no consultório, de modo algum poderia ter vivido da mesma maneira. Assim, a noção de alteridade é, justamente, tudo o que torna singular. Para Goya (2020, p. 20), “tudo que singulariza a presença do outro na história dele, carregada de suas estranhezas, novidades, contrariedades, desconhecimentos e, sobretudo, de infinitude própria.”

Podemos afirmar que a alteridade, no modo da terapia packteriana, é a compreensão do Outro a partir da noção de singularidade em suas características e variações. O singular, nessa perspectiva, é o que há de incomum, fora do padrão, irrepetível, único.... No trabalho de pesquisa e clínica dessa singularidade, cabe ao filósofo clínico, através de uma escuta atenta ao outro, mapear e constatar, a partir da combinação dos tópicos e submodos que se arranjam, se desarranjam e plasmam novas configurações em sua plasticidade, num infinito de possibilidades e variáveis em seus contextos de mundo, o que faz da Filosofia Clínica uma terapia existencial e artesanal que pede sempre a hospitalidade de novas variantes.

### **Hospitalidade como ética e condição do cuidado clínico**

A hospitalidade torna-se categoria filosófica, principalmente, com Emmanuel Levinas, sobretudo na obra *Totalidade e Infinito*, que inspira o presente ensaio. Levinas tem o mérito de considerar a hospitalidade em seu sentido originário, concebendo-a no contexto da relação ética, refletindo um novo sentido de subjetividade. Nos textos levinasianos, o sujeito é considerado como morada capaz de acolher o estrangeiro enquanto absoluto em sua alteridade, descrevendo a tensão na dinâmica do acolhimento do outro na relação *face a face*.

A condição da economia, portanto, é a morada como fundação de um lar. Essa morada não é uma simples metáfora da interioridade<sup>9</sup>, mas a condição de psiquismo, a possibilidade do Eu como ponto de partida e que se relaciona com o mundo “fora”.

Nas palavras do próprio Levinas,

[...] a interioridade, realizada concretamente pela casa, a passagem a ato – a *energia* – do recolhimento através da morada, abre novas possibilidades que a possibilidade do *recolhimento* não continha analiticamente, mas que, essenciais à sua energia, só se manifestam quando ela se manifesta (LEVINAS, 2015, p. 146, grifos nossos).

<sup>9</sup> Já podemos antecipar uma conclusão: o que Levinas pretende ao desenvolver a ideia de morada é preparar o tema da hospitalidade, característica da possibilidade de acolhimento a Outrem no seio da subjetividade.





Na CEFA, consideramos importante esclarecer que *recíproca de inversão* não é sinônimo de *compaixão* e *alteridade*, assim como *inversão* não significa *egoísmo*. É possível fazer *recíproca de inversão* por interesses de publicidade, venda e até a destruição de pessoas e coletividades, assim como encontramos pessoas inversivas profundamente gentis e hospitaleiras. Importante, jamais esquecermos, insiste Prof. Will nos cursos de especialização, que a terapia é, acima de tudo, um exercício de alteridade onde o filósofo clínico assume e exerce como um profundo estado de *recíproca de inversão* (GOYA, 2020, p. 202).

Na hospitalidade ética, a qual somos vocacionados em nossa prática, é “importante destacar que este tópico, acrescido de alteridade e de compaixão, é o mais determinante dos tópicos para o exercício filosófico clínico do terapeuta, de modo a ser capaz da compreensão e do desenvolvimento de uma ética da escuta radical (GOYA, 2020, p. 190). Tendo em vista as diferenças subjetivas e autogênicas, ir ao mundo do outro na qualidade de hóspede com a *recíproca de inversão*, implica também o treinamento de saber voltar para o seu próprio mundo. Não temos em Filosofia Clínica a ingênua concepção de que todos os mundos são paraísos existenciais.

Podemos constatar, a partir do paradigma e da experiência das singularidades no consultório, que há pessoas que se nutrem de paz e outras de conflitos, e isso envolve a EP do próprio filósofo clínico. Para o Prof. Will Goya (2020, p. 69), "alteridade não é perfeito sinônimo de empatia, não implica em concordância, gosto ou ideias com base nas próprias impressões. A alteridade pode acontecer na antipatia e até no pleno estranhamento."

A experiência constata que o partilhante que retorna ao consultório depois de um tempo longe da terapia, terá vivenciado novas experiências e, possivelmente sofreu alterações que precisam ser atualizadas pelo terapeuta. Tudo isso exige do cuidador atenção e cuidado no exercício permanente da hospitalidade das diferenças do outro, das circunstâncias, das prováveis alterações dos seus contextos e todas as variações possíveis. Levinas ilumina e fundamenta esse exercício de hospitalidade às diferenças, quando manifesta na conclusão da obra *Totalidade e Infinito*:

Ao pensamento metafísico em que um finito tem a ideia do infinito – em que se produz a separação radical e, simultaneamente, a relação com o Outro – reservamos o termo de intencionalidade, de consciência de... ela é atenção à palavra ou acolhimento do Rosto, hospitalidade e não tematização” (LEVINAS, 2019, p. 296).



No início de nossa formação, fazemos a correlação de singularidade com a máxima de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Portanto, o que um considera um paraíso existencial pode ser a representação do pior dos infernos para o outro, independente se partilhante ou terapeuta. Um dos princípios básicos da Filosofia Clínica é reconhecer, pela singularidade, o que é remédio pra uma pessoa, pode ser toxidade para outra. Suspeitar dos universais é próprio da sobriedade que a terapia packteriana nos exige, em sua ética de escuta e cuidado.

### **Uma hospitalidade mútua e concomitante em suas possibilidades**

No Encontro Mineiro de Filosofia Clínica, que ocorreu online em 2021 devido à Pandemia da Covid-19, perguntei ao Professor Lúcio Packter se a Filosofia Clínica seria uma epistemologia, uma ética ou apenas uma terapia. Lúcio responde que não temos como saber *à priori*, pois tudo vai depender da intersubjetividade. É a interseção entre partilhante e filósofo clínico que dirá o que é a Filosofia Clínica em cada situação. Em alguns, ela será ética, em outros uma epistemologia, em outros uma filosofia... A ética da hospitalidade abrange também a singularidade da relação intersubjetiva, o que chamamos no presente estudo como terceiro singular.

A filosofia clínica, enquanto escuta do *pathos* original da filosofia, dessa forma, está radicalmente aberta tanto à alteridade no sentido levinasiano, quanto igualmente ao sentido transversal de espiritualidade. Portanto, dois tipos de alteridade: do "eu" em interseção com a humanidade do "outro eu"; e do "eu em interseção a realidade não-humana da "natureza em si" (independente da nossa estrutura de pensamento), sem a intencionalidade do conceito de "eu", por atravessamento ou transversalidade puramente intuitiva" (GOYA, 2020, p. 87-88).

A vida do consultório, muitas vezes, leva-nos a experienciar a hospitalidade do inusitado, do inesperado e do inédito do outro, da vida e do próprio método da Filosofia Clínica, a partir da intersubjetividade. Nos cursos avançados dos últimos anos, Lúcio Packter tem apresentado questões que exigem mais atenção e cuidado, pois, na interseção com o outro, a exceção poderá vir a ser o caminho mais viável para o processo terapêutico. Na exigência ética de nossa pesquisa, que reconhece a infinitude da alma humana com todas as suas possibilidades e variantes, percebemos que há também algumas pessoas que se abrem a uma outra, justamente por perceber que ela não faz *recíproca* de *inversão*.

Podemos também encontrar fenômenos capciosos como *falsa recíproca* de *inversão*, quando o sujeito pensa que vai ao mundo do outro, mas, o que ocorre é apenas o deslocamento de suas próprias medidas existenciais. Há aqueles que usam o outro para



falarem de si. Para nossa ética, a terapia só ocorre por meio do exercício constante da *recíproca de inversão* e da alteridade. Todavia, pode ocorrer que o único caminho viável seja o de ir ao mundo do outro inversivamente, fazendo *recíproca de inversão* pela própria *inversão* (NASCIMENTO, 2021, p. 119).

A atitude ética da hospitalidade da diferença, pode trazer desconfortos e esforços que exijam sobremaneira do filósofo clínico. Nossa clínica é uma *práxis de alteridade*, todavia, a hospitalidade ética de nossa prática terapêutica não exclui a hospitalidade de si. Saber acolher sua própria singularidade, suas propriedades, sejam virtudes, sejam limites, falhas e os próprios erros. Às vezes, precisaremos aprender também a hospedar a “possibilidade de não hospedar”. Cientes das potências e dos limites de nossa própria EP pra saber ir ao mundo do outro, é preciso reconhecermos quando encaminhar o partilhante a outro colega é a decisão mais ética e prudente.

No Encontro Nacional de Bragança Paulista em 2022, refletimos sobre “o cuidador do cuidador”. Cuidamos de pessoas, mas quem cuida de quem cuida? Qual espaço existe para a hospitalidade de nossa própria condição? Tal reflexão suscita a dedicação de uma pesquisa mais profunda, mas registramos, desde já, a necessidade de considerarmos, em nossa prática clínica, a ética de hospitalidade de nossa própria singularidade.

Em termos simples, a hospitalidade é manifestação de acolhimento ao outro em suas diferenças características singulares: sofrimentos, lágrimas, características...; hospitalidade dos seus erros, falhas, frustrações, lágrimas; hospitalidade dos seus acertos, sucessos, sonhos, de seu tempo, muitas vezes diacrônico ao tempo do terapeuta. Mas, a clínica filosófica também deve ser hospitalidade à maneira única e singular do próprio terapeuta. Uma boa formação não anulará a pessoa do filósofo clínico, mas otimizará e aprimorará também sua própria maneira de ser-no-mundo, e isso inclui saber hospedar a experiência do terapeuta anterior à Filosofia Clínica, seus saberes, seus próprios limites e a consciência de suas falhas humanas.

Nossa posição é de que a *práxis de alteridade* que a Filosofia Clínica propõe, no modo como foi sistematizada, manifesta a hospitalidade da qualidade da interseção entre partilhante e terapeuta, podendo ser positiva, negativa, confusa e indefinida. Hospedamos a própria intersubjetividade no seu modo, muitas vezes imprevisível. Não perdemos de vista em nossa prática a abertura e hospitalidade à vida, aos acontecimentos, à novas filosofias, antropologias, ciências, tecnologias e a todas as possíveis manifestações



humanas, singulares na individualidade ou nas coletividades, com as variações mais prováveis e improváveis da manifestação humana.

### A importância de “saber não saber” na prática de hospitalidade em Filosofia Clínica

O “não saber” é uma exigência da escuta, faz parte do método como epistemologia e exige o silêncio de nosso saber como constituição do mundo, identificação dos seres, representações, valores e crenças.

Provavelmente, as maiores lições em nossas vidas de terapeutas não vêm dos livros, dos conceitos e das teorias, por mais nobres que sejam, mas da prática de escuta do consultório que garantirá ao terapeuta a fluência de saber prestar atenção. Para isso, é imprescindível mantermos viva a atitude filosófica do *pathos* como caminho para que não façamos de nossos consultórios uma pseudo-hospitalidade, como no mito de Procusto.

É pela atitude permanente do *pathos* que assumimos o princípio ético da *hospitalidade artesã*, como arte de acolher o outro à maneira dele como hóspede existencial (GOYA, 2020, p. 74). Essa atitude, simultaneamente fenomenológica e ética do *pathos*, exige de nós um saber específico: é preciso “saber não saber”. É preciso localizar o outro, mapear a autogenia de sua singularidade. Para isso, precisamos aprender com ele sobre ele, a fim de cuidar dele do seu modo.

Tal pesquisa não se dá fora da atitude do *pathos* e da *epoché* que se verifica no exercício ético de ir ao mundo do outro como quem não sabe, mas se posiciona na atitude humilde e aberta que hospeda o “não saber” do infinito do outro, com a disposição de acolhimento e abertura de quem aprende sobre o Outro para ajuda-lo ao seu modo, no seu tempo e nos seus termos. *Recíproca de Inversão*, portanto,

[...] é o movimento de aproximação existencial do mundo subjetivo do outro, descobrindo e sentindo dentro de si aquilo que é importante para ele. Não significa necessariamente um ato de respeito, de hospitalidade. Pode ser motivada pelo desejo empático de alteridade, reconhecendo e respeitando as diferenças entre ambos; ou pelo esforço antiético de instrumentalização da outra pessoa, incorporando ao seu conhecimento e poder o modo de ser do outro (GOYA, 2020, p. 190).

Não compreendemos esse “não saber” como sinônimo de simples ignorância. O “não saber” faz parte do método como epistemologia, atitude socrática e ética de hospitalidade, convocando-nos à responsabilidade de proporcionarmos uma formação



que não deixe de contemplar o valor da sensibilidade ética, gentil e hospitaleira em nossos percursos epistemológicos e em nossa prática clínica.

### Considerações Finais

O que Levinas buscou em seu projeto filosófico, no cerne de sua reflexão sobre a alteridade, foi repensar uma configuração da subjetividade dobrada sobre si mesma. Em boa parte da obra *Totalidade e Infinito* desenvolveu a concepção da morada atrelada à subjetividade como modo de inserir em sua Filosofia o tema judaico da hospitalidade, característica da possibilidade de acolhimento a Outrem no seio da subjetividade.

O acolhimento, a hospitalidade, se destacam como categorias práticas, um conceito vivo na reflexão de Levinas. Para ele, a hospitalidade é objeto de atenção constante e exigente, que nos conduz à uma realocação da primazia do sujeito pelo papel existencial de ser-responsável pelo Outro. Assim, Ser humano, em Levinas, é poder existir no mundo como abertura ao outro humano (LEVINAS, 2015, p. 13).

Tal concepção fundamenta, ilumina e inspira a ética de hospitalidade que buscamos desenvolver em nossas práticas clínicas, no esforço de ver o Outro para além de tipologias, classificações, sistemas, considerando sua existência ultrapassando a concepção reducionista da perspectiva saúde e doença. Toda teoria e prática de nossos consultórios e centros de formação devem ser manifestações de um cuidado de busca a alteridade do Outro, não alterações indevidas de sua singularidade, mas aprimoramentos e melhorias subjetivas possíveis em seus contextos de mundo.

As diversas crises migratórias são sintomas da ausência da nossa capacidade de sermos humanos no sentido da ética levinasiana. Para o filósofo, ser humano é ser capaz de abertura, acolhimento ao Outro, manifestado na concretude de uma responsabilidade indeclinável. Nossa experiência com a base categorial nos leva a constatar um mundo de muros e fronteiras cada vez mais fechadas. Que as reflexões propostas por Levinas ou as práticas clínicas de Lúcio Packter nos inspirem a desenvolver a capacidade de novas atitudes: aprimorarmos nossa existência na dinâmica da abertura, de uma ética da hospitalidade.

O oposto da hospitalidade é a indiferença ao outro. Na CEFA, é um aprendizado fundamental: O contrário da diferença não é a igualdade, mas a indiferença ao Outro. Se deixarmos-nos ser interpelados pela alteridade, em sua diferença absoluta que desconcerta e desarranja o epicentro do nosso Ego, nossa própria existência encontrar-se-á interpelada



a se constituir como morada cuja porta e janelas estarão constituídas como abertura, hospitalidade e responsabilidade pelo Outro, verdade original e fundadora da socialidade.

No exercício de cuidado ao Outro, que no espírito de *epoché*, *pathos* e hospitalidade, o filósofo clínico exercita o aprendizado da aproximação como método. Aquele que se aproxima da terapia manifestando um pedido de ajuda, manifestando uma demanda que exige escuta e cuidado, ainda que o filósofo clínico não saiba, de início, como poderá ajudar, abre-se à escuta acolhedora e ética de uma existência que é única. Sua fala, intervenções e procedimentos clínicos serão manifestação dessa escuta hospitaleira, que deve caracterizar seu *modus operandi* no cuidado às pessoas.

### Referências

- CARUZO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CERBONE, David. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006, 3ª ed.
- COSTA, Márcio L. **Levinas: Uma Introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOYA, Will. **A escuta e o silêncio**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. MKS, 2020.
- GOYA, Will. **Como ouvimos em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Ed. MKS, 2017.
- HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Ed. Madras, 2001.
- LACOSTE, Jean. **A Filosofia do Século XX**. Tradução de M. Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1992.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **O outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- LEVINAS, Emmanuel. **Alterity & Transcendence**. New York: Columbia University Press, 1999.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da evasão**. Gaia: Estratégias Criativas, 2001.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Campinas: Papyrus, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem a ideia**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LEVINAS, Emmanuel. **De La Evasión**. Madrid: Arena Libros, 2011.
- LEVINAS, Emmanuel. **De otro modo que ser, o más allá de la esencia**. 3. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.



- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edição 70, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edição 70, 2015.
- NASCIMENTO, C. E. Tópico 14: espacialidade. In: FERNANDES, Cláudio (org.) **Tópicos**. São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica, 2021.
- NASCIMENTO, Cadu. **O apelo ético do Rosto Humano**. Cerqueira Cesar: Editora Filos, 2023.
- NUNES, Etelvina Pires Lopes. O Rosto e a passagem do Infinito. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga – jan. - mar. – Tomo XLVII, 1991 – FASC. 1. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40336982>.
- PACKTER, Lúcio. **Cadernos**: especialização em Filosofia Clínica. Porto Alegre: Instituto Packter.
- PAULO, Nichele. NIEDERAUER, Mariza. **Compêndio de Filosofia Clínica – Caso Nina**. Rio de Janeiro: Ed. Livre Expressão, 2013.
- POIRIÉ, François. **Emmanuel Levinas**: ensaio e entrevistas. Tradução de J. Guinsburg, et. al. São Paulo: Perspectiva, 2007.

---

\* Carlos Eduardo S. Nascimento é bacharel em filosofia (ITESB-BA) e teologia (CEI MATER DEI-TO), licenciado em Filosofia (ICSH-CESB), pós-graduado em Psicologia Clínica (Humanista-Fenomenológica-Existencial), em Psicanálise (UNIARA-SP), mestre em Filosofia (UFG-GO) e doutorando em Filosofia Clínica (INTEGRALIZE-SC). Como filósofo clínico, trabalha como pesquisador, com atendimento terapêutico no Espaço Oásis de terapia on-line e como professor e supervisor na CEFA (Goiânia, GO) e no Instituto Sendtko (Chapecó, SC). Engajado em campanhas pela valorização da vida e prevenção ao suicídio, participa há muitos anos de conferências e palestras em escolas, grupos de jovens, pais e professores. Pesquisa temas como depressão, ansiedade, pânico, ideação suicida, inclusão, direitos humanos e a diversidade LGBTQIA+. Fruto do desejo de ajudar as pessoas em seus sofrimentos, foi o surgimento do livro "Do Cavalo-marinho ao Beija-flor", que se encontra na 4ª edição.